

*Entretanto, recorda:  
Os espinhos da alma  
São sempre como são,  
Formando, em qualquer parte, os degraus da  
À luz da elevação... subida*

*E os espinhos são muitos,  
No caminho interior,  
É o dever de se dar à batalha do bem,  
O encargo de atender ao plantio do amor...  
É a incompreensão de alguém, é o desafio  
A fim de que se anule a tentação  
Que tantas vezes nos visita,  
A testar-nos o próprio coração;  
É a nossa dor e a luta dos que amamos,  
A inquietação e o medo, em cada prova,  
A tristeza, a amargura, a sombra e a mágoa.  
Tudo, enfim, que nos fere e nos renova.*

*Inda assim, alma boa,  
Vale a pena seguir... Ama e perdoa!...*

*A fim de que se alcance a suprema alegria,  
Não basta ver em nós sofrimento e pesar,  
É preciso vencê-los, dia-a-dia,  
Trabalhar e servir, aprender e passar...*

## *Alegrada do reino*

*Tiago, filho de Alfeu, em desconforto,  
No desapontamento que o invade,  
antes que se rompesse a tempestade  
Prestes a desabar sobre Jerusalém,  
Foi ver o Cristo morto.*

*O vento escorraçava a multidão,  
Que descia tangida à chibatas de pó;  
Vendo o topo do monte quase sem ninguém,  
Sob certo disfarce, o aprendiz de Jesus  
Subiu, ansioso e só,  
E falou para o Mestre, aos pés da cruz:  
— Por que morrer assim, Jesus, se as profecias  
De nossas tradições e de nossas memórias,  
Falam de ti no Reino que previas,  
Na condição de rei, cercado de vitórias?  
O povo te saudou por Príncipe Perfeito,  
Alto libertador da Terra Prometida...*

*Por que não combateste, ao menos, por respeito  
Aos que dissesse amar nas agruras da vida?  
Perdoa-me, Senhor, a repulsa que tenho,  
Nada vejo que a fé nos recomponha...  
Ai de nós que ficamos!... Este lenho  
Para sempre, será nossa própria vergonha..*

*O apóstolo pausara, cismarento,  
Mas do próprio madeiro,  
Varando o ribombar do firmamento,  
Veio, em amargo acento,  
A voz de um Mensageiro,  
Dos muitos que velavam, na hora extrema,  
Pela paz do Divino Companheiro:  
— Silencia, Tiago!... O reino que esperavas  
É o mesmo desta hora em que se escuta  
O terrível clamor de sofrimentos e luta  
Das vastas multidões de almas escravas...  
De que vitórias falas? As da guerra?  
Da pilhagem no sangue em que se alaga?  
Da púrpura dos reis que res fulge e se apaga,  
Ante a cinza dos túmulos da Terra?  
Jesus não trouxe ao mundo o império da opressão  
E sim a luz do Reino Superior  
De verdade e de paz, de esperança e de amor,  
Alto Reino de Deus que deve se elevar  
De nosso coração!...*

*Emudecera a voz, mas o apóstolo aflito  
Voltou a perguntar:  
— Então Jesus, o Ungido dos Ungidos,  
Não veio proclamar  
A terra em que nasci por nação de escolhidos?!*

*O Emissário, porém, clamou da cruz, em tom  
— Tiago, não te dês a preconceitos vãos, profundo:  
Todo povo é de Deus, nos caminhos do mundo,  
Todo somos irmãos!... Todos somos irmãos!...*

*O aguaceiro no céu, a jorros se destampa...  
O apóstolo descia, pensativo,  
Mas, na última rampa,  
Encontra um pobre homem morto-vivo...  
É um mendigo estirado, ao pé do morro,  
A rogar por socorro...  
Está febril, cansado, espancado e ferido.  
Tiago enxerga nele um farrapo sangrento  
E refletiu, de si para consigo:  
— Será este, meu Deus, o divino momento  
De compreender Jesus?*

*Inquieto e surpreendido,  
A sentir-se, por dentro, em nova luz,  
Toma o desconhecido  
E, a carregá-lo nos seus próprios braços,  
Registra estranha força a sustentar-lhe os passos...*

*Lembra a história do Bom Samaritano  
E, na grandeza do seu gesto humano,  
Leva o infeliz a humilde hospedaria...*

*Na rua, a tempestade atroava e rugia...*

*O apóstolo recorda o Cristo entre os doentes,  
Desolados, sozinhos, maltrapilhos,  
Que tratava por filhos,  
Entre afagos e zelos permanentes...*

*Em seguida, contempla, enternecido,  
Aquele companheiro anônimo e vencido;  
Limpa-lhe o corpo em chaga e oferece-lhe um leito,  
De inesperado amor inflama-se-lhe o peito...  
Nessa transformação,  
Abraça-se ao pedinte por irmão!...*

*Lá fora, o temporal estrugia, violento,  
Apedrejando a Terra, entre os uivos do vento!...*

*Tiago se rendera à extrema compaixão...  
Tocado de alegria excelsa e rara,  
Sentiu, dentro do próprio coração,  
Que a construção do Reino começara...*

## *De alma para alma*

*E chegaste no mundo à grande encruzilhada:  
De um lado a provação gritante e sem conforto,  
De outro, o desalento ao peito semi-morto  
E, mais além, a trilha obscura e escarpada,  
Sob céu pardacento,  
Em que te aguarda a asperrima jornada  
De sacrifício e sofrimento  
Para atingir, de novo, a senda iluminada  
Que te assegure paz no coração...*

*Clamas e choras, mas não te lastimes,  
Nunca te faltará recurso a que te arrimes  
Nem seguirás em vão.*

*Escuta, alma fraterna,  
Não te deites, à margem do caminho,  
Alegando cansaço e coração sozinho  
Para fugir da estrada a percorrer...  
Lança ao rio do tempo a dor que te consterna,  
Reanima-te e volta ao movimento e à vida  
E esquecerás a chaga dolorida  
Que te põe a sofrer  
Na mágoa que te alcança.*